

01

Antes de iniciarmos esta palestra, permitam que eu me apresente:



O meu nome é Ênio Padilha. Sou engenheiro eletricitista, formado pela Universidade Federal de Santa Catarina, em 1986.

Tive empresa de Engenharia e atuei no mercado, fazendo projetos e consultorias técnicas, durante 12 anos.

Neste período estive também muito ligado às atividades da militância profissional, tendo sido membro da diretoria das entidades de classe a que eu pertencia.

Fui presidente da AEA VI (em Rio do Sul-SC) em 1990/91 e presidente da AEA JS (em Jaraguá do Sul-SC) em 1994/95

Desde 1997, quando concluí a especialização na área de Marketing Empresarial, tenho me dedicado exclusivamente a escrever livros sobre o tema “Marketing para Engenharia, Arquitetura e Agronomia” e a apresentar cursos e palestras, por todo o Brasil, sobre o mesmo assunto.

02

Tenho quatro livros publicados, que representam cerca de 28 mil exemplares distribuídos:

O primeiro deles é “**Marketing para Engenharia, Arquitetura e Agronomia**”, que está na quinta edição e que é, sem dúvida, o trabalho mais conhecido (19 mil exemplares);

O segundo, “**Marketing Pessoal & Imagem Pública**” é um livro de técnicas de gerenciamento do importantíssimo patrimônio individual que é a imagem pública. Está na segunda edição (6 mil exemplares);

“**Os Pecados de Marketing na Engenharia e na Arquitetura**”, é o meu livro mais recente. Está na primeira edição (praticamente esgotada – mil exemplares) trata dos pequenos e grandes erros cometidos pelos profissionais no seu dia-a-dia comercial;

Finalmente, o livro “**Três Minutos de Marketing**” o terceiro, pela ordem de lançamento, é uma coletânea de textos curtos (crônicas, ensaios e artigos) sobre marketing e comportamento de mercado. Está na segunda edição (2 mil exemplares)

Os cursos e palestras são, basicamente sobre os mesmos assuntos;

Convido a todos para conhecerem nosso site na internet:

www.eniopadilha.com.br

A Comissão Organizadora Nacional do 5º CNP decidiu que o Tema, tanto do Congresso Nacional de Profissionais como da Semana Oficial de Engenharia, Arquitetura e Agronomia, em 2004 será “Exercício Profissional e Cidades Sustentáveis”

Uma excelente escolha, sem dúvida, visto que o ESTATUTO DAS CIDADES é uma grande conquista do país, que contou com a decisiva participação dos profissionais ligados ao sistema CONFEA/CREA.

Afinal, **Cidades são**, em última análise, **grandes obras de Engenharia** e de Arquitetura (e também, de forma indireta, de Agronomia).

Engenheiros, Arquitetos, Agrônomos e todos os demais profissionais da área tecnológica **são**, como diz o arquiteto Jaime Pusch, **“Fazedores de Cidades”**

Coube-me o honroso compromisso de apresentar algumas palavras sobre um sub-tema do congresso: **“Exercício Profissional – Profissões Sustentáveis”**

Antes de desenvolver o assunto, é preciso definir o que é que nós entendemos por Cidade Sustentável e Profissão Sustentável.

04

Fui buscar no dicionário o significado da Palavra Sustentável: encontrei **“aquilo que pode ser sustentado. Mantido vivo, alimentado”**.

Uma Cidade Sustentável é, portanto, uma cidade em que as coisas são feitas de tal maneira que ela mantenha “viva” as coisas boas que tem. Que garanta a sua existência futura como um bom lugar para a vida digna de seres humanos.

Uma profissão sustentável é uma profissão cujas práticas levem à sobrevivência no mundo mantendo (sustentando) os padrões de valorização, respeito e dignidade.

05

Daí podemos concluir que **uma cidade boa não é, necessariamente uma cidade sustentável**. (*Balneário Camboriú, por exemplo, há 20 anos era uma cidade muito boa, mas não era sustentável, com as práticas políticas e comerciais que mantinha... Deu no que deu.*)

Uma boa profissão não é, necessariamente, uma profissão sustentável (veja, por exemplo no vale do Itajaí, os madeireiros dos anos 1940 e 1950. Tinham uma excelente profissão, mas insustentável...)

Tudo depende de como a cidade ou a profissão estiver sendo tratada

06

A pauta de discussão sugerida pela Comissão Organizadora Nacional do 5º CNP para a questão do Exercício Profissional é relativamente extensa. Passa pela Formação, o exercício efetivo e a Participação Cidadã.

Coisas importantes, que precisam ser discutidas por todos os profissionais.

Porém, coisa demais para uma palestra de apenas 30 minutos.

Por isso escolhi um dos três tópicos para a nossa discussão de hoje:

07

Escolhi justamente o tópico que trata do **Exercício Efetivo da Profissão** com o qual estou mais familiarizado.

Nos quase vinte anos decorridos desde que saí da faculdade, em 1986, não tenho feito outra coisa senão me confrontar permanentemente com esses quatro sub-tópicos: **Qualidade, Segurança, Flexibilidade e Ética**.

E não tenho nenhuma dúvida de que **essas quatro questões estão intimamente ligadas à questão da sustentabilidade da nossa profissão.**

Afinal, **pensar em sustentabilidade** é, automaticamente, **pensar no futuro.**

Então, as perguntas que cada um de nós deve fazer a si próprio (se quiser discutir a sustentabilidade da nossa profissão) são as seguintes:

08

-- *Como é que eu, no exercício da minha profissão (de engenheiro, de arquiteto ou de agrônomo) estou interferindo no futuro da minha cidade ?*

-- *Como é que eu, no exercício da Engenharia, da Arquitetura e da Agronomia estou interferindo no futuro da minha profissão?*

Nenhum profissional é uma ilha. Tudo o que se faz ou se deixa de fazer, terá conseqüências para outros profissionais.

09

-- *Que tipo de cidade estou ajudando a construir para os meus filhos e para os filhos dos meus filhos ? (Observem que utilizei a palavra “filhos” repetidamente. O objetivo é justamente dar esse aspecto de ligação afetiva com os resultados das nossas ações e omissões)*

-- *Que ambiente profissional estou deixando de herança para os engenheiros, arquitetos ou agrônomos que estarão se formando daqui a 20 anos?*

São perguntas simples mas que precisam ser respondidas com sinceridade.

Afinal, não precisamos pensar muito para identificar ações no passado (nossas ou de outros colegas profissionais) que produziram as circunstâncias que temos de enfrentar hoje em dia.

Tanto as coisas boas quanto as coisas ruins.

Engenheiros, Arquitetos e Agrônomos (Diferente de Médicos, Dentistas, Advogados e outras profissões...) têm **compromisso com os resultados.** Não são contratados e pagos apenas para dar assistência.

Uma condição natural da nossa profissão é, justamente, a capacidade de **antever o futuro. Prever os resultados,** com precisão matemática.

10

A atuação profissional (o exercício profissional) numa visão mais ampliada, se dá em três dimensões muito importantes:

A dimensão **COMERCIAL** em que se levam em conta o **mercado de trabalho, o mercado de oportunidades profissionais** e os efeitos das conjunturas locais, nacionais e internacionais.

A dimensão **SOCIAL** em que se manifestam as ações do profissional em relação aos **interesses da sociedade.** Onde as questões éticas e cidadania se apresentam de forma decisiva e onde sua participação política tem espaço privilegiado;

E a dimensão **POLÍTICO/PROFISSIONAL** em que se evidenciam as ações (ou omissões) do profissional no **desenvolvimento institucional da sua profissão,** acima de seus interesses particulares, sejam eles pessoais ou comerciais.

O conceito de **Cidade Sustentável** deve ser ampliado para **Região Sustentável, Estado Sustentável, País Sustentável... Mundo Sustentável.**

No nosso dia-a-dia profissional nos confrontamos permanentemente com as questões **comerciais**, na busca pela nossa sobrevivência física.

Todos os dias estamos lidando com **clientes** (tentando conquista-los ou tentando atendê-los da melhor maneira possível), avaliando **investimentos**, decidindo sobre **contas a pagar, credores, concorrentes, fornecedores, relações com os funcionários** e outros compromissos...

Por trás dessas coisas todas, como um monstro que nos espreita permanentemente, está essa maldição que nós nos acostumamos a chamar de **CRISE**.

Não passa um único dia sem que essa malvada senhora se apresente (e apresente suas armas) sob as mais diversas formas. Nos levando a acreditar na **degeneração dos valores e no apocalipse**

A Crise e os problemas do dia-a-dia, muitas vezes às vezes nos “empurram” para **decisões que reduzem a zero a dimensão social do nosso trabalho**.

Pior, roubam-nos o tempo que precisa ser dedicado para os aspectos **político/profissionais** e as **necessárias reflexões sobre a ética social e profissional**.

Existe um **discurso corrente (e dominante)** que supervaloriza as crises e faz apologia ao fim dos tempos.

Isso acontece em todos os níveis: pessoal, profissional, social e político.

Esse discurso dominante acaba criando nas pessoas uma **sensação de impotência**. Um estado de **desesperança** que torna irrelevante os valores éticos e as responsabilidades sociais.

As relações profissionais e comerciais são transformadas em um **VALE-TUDO** sem compromisso com o futuro. Relações comerciais em que **o que conta é sobreviver. Levar vantagem, crescer financeiramente**.

Vencer na vida passou a ser sinônimo de Vencer aos outros. Chegar na frente, custe o que custar.

Eu sou, como todo mundo sabe, um otimista incorrigível. **Não aceito o discurso da crise. Não aceito as desculpas da falta de dinheiro, da falta de tempo nem da falta de oportunidades.**

O que as pessoas chamam de **crise**, eu chamo de **conjuntura**. Precisa ser entendida e enfrentada. E não utilizada como desculpa.

A pergunta é: “existem problemas?”. Sim, os problemas realmente existem.

Mas existem muitas saídas. Muitas soluções. Muitas alternativas. Muitas possibilidades de ação sobre a conjuntura.

Soluções que muitos profissionais não estão sequer considerando porque preferem ficar confortados no discurso da crise.

Precisamos, portanto, sermos mais otimistas na nossa visão da profissão, do mercado, do nosso estado, do país e até mesmo do mundo.

É fácil ser pessimista (tem até um certo charme intelectual. O pessimista costuma se auto-proclamar “realista”). **Mas eu garanto, é mais eficiente e eficaz ser otimista.**

Existem algumas “pragas” do exercício profissional que são decorrência natural da força do “discurso da crise” e da “apologia do apocalipse”.

Uma dessas “pragas” é a **baixa auto-estima** dos profissionais (cujas raízes vêm das salas de aula das universidades – mas isso já é outro assunto).

Não é raro encontrar o profissional que executa, efetivamente o seu trabalho, mas não consegue cobrar pelo serviço o preço justo (e põe as culpas na crise!)

É a **submissão aos caprichos** (muitas vezes absurdos) **dos clientes** (uma das conseqüências diretas da baixa auto-estima dos profissionais).

Muitos clientes, por exemplo, querem aproveitar as brechas da lei para fazer obras que são **legais** porém **imorais**.

Esses clientes precisam ser descartados, para o bem (a sustentabilidade) da cidade e da profissão.

Isso vai custar a perda de um bom negócio, eu sei.

Esse **é o preço que se paga para construir uma profissão sustentável com dignidade**.

Outra praga terrível, que arrasa nosso ambiente profissional, são as brigas internas.

É Arquiteto brigando com Engenheiro Civil, que briga com Engenheiro Eletricista, que briga com os técnicos, que brigam com os Agrônomos...

Enquanto o mundo lá fora segue seu rumo. Sem nós.

Muitas **brigas internas** entre profissionais do sistema nada mais são do que manifestações da nossa baixa auto-estima. É a falta de coragem para brigar com **agentes externos** que são os nossos verdadeiros “inimigos”.

A incompetência também não deixa de ser uma praga considerável.

Existem profissionais que, apesar de cobrar um preço razoável pelos seus serviços, não dão aos seus clientes um serviço com qualidade mínima e, com isto acabam por denegrir a imagem de todos os seus colegas.

Esses acreditam no “fim dos tempos”: acreditam que não há vantagem alguma em trabalhar direito, pois todo mundo faz as coisas pela metade e não acontece nada e a impunidade é geral e o fim dos tempos está próximo...

Tentar vencer na vida usando truques, desvios, atalhos... é o caminho escolhido pelos que acreditam que “tudo está perdido!”

Por fim, a mãe de todas as desgraças. A praga ética do **Acobertamento**, que grassa de norte à Sul do país.

Esta é, certamente, a mais importante de todas as pragas das nossas profissões. Filha da incompetência e da leviandade. Afilhada da tolerância e da omissão dos honestos.

O acobertamento se sustenta, principalmente, na omissão dos profissionais corretos.

A solução me parece recordar a frase dita por Ulisses Guimarães no discurso de aprovação da Constituição Brasileira: **“Não roubar. Não deixar roubar. E por na cadeia quem rouba”**.

O espírito dessa famosa frase deve ser trazido para o nosso exercício profissional: **Não acobertar. Não deixar que nenhum colega acoberte. Denunciar e punir os que acobertam...**

E quando eu falo em punir os acobertadores não estou falando apenas na punição formal, oficial, decorrente de processos nas instâncias profissionais como entidades de classe, CREA ou CONFEA.

Falo da **punição moral** que cada um de nós pode aplicar aos **acobertadores conhecidos**, negando-lhes espaço social e oportunidades na política profissional.

O acobertador que não aceita o caminho da reintegração profissional precisa ser banido das nossas relações sociais.

19

Engenheiros, Arquitetos e Agrônomos, no exercício de suas profissões precisam estar atentos a isso para não perder de vista suas imensas responsabilidades.

Em última análise, **somos responsáveis não apenas pelas obras que fazemos mas também pelas obras que não fazemos** (e permitimos, por omissão, que sejam feitas por quem não sabe fazer direito)

Deus nos deu alguns **talentos** e **habilidades**. A sociedade nos deu a oportunidade de desenvolvê-los.

Todo Engenheiro, Arquiteto ou Agrônomo tem um compromisso com o mundo. É à sociedade, em última análise, que devemos essa retribuição.

Lembremos sempre das palavras que dissemos no primeiro minuto de nossas carreiras de engenheiro, de arquiteto ou de agrônomo, no nosso juramento: "**Prometo que, no cumprimento do meu dever de Engenheiro, não me deixarei cegar pelo brilho excessivo da tecnologia, de forma a não me esquecer de que trabalho para o bem do Homem e não da máquina. Respeitarei a natureza, evitando projetar ou construir equipamentos que destruam o equilíbrio ecológico ou poluam, além de colocar todo o meu conhecimento científico a serviço do conforto e desenvolvimento da humanidade. Assim sendo, estarei em paz Comigo e com Deus.**"

20

A visão universal deve ser a referência para o nosso exercício efetivo da profissão.

Os limites norteadores das nossas ações (e omissões) devem ser o **nosso próprio bem**, o **bem da nossa profissão** e o **bem da sociedade**.

As três condições devem ser atendidas (simultaneamente). É isso que faz do nosso exercício profissional uma contribuição verdadeira para que a profissão seja sustentável e a cidade seja também sustentável.

Por conta disso (para fazer valer nosso juramento) muitas vezes precisamos **tomar atitudes que põe em risco o nosso pescoço**.

Nós temos para com a sociedade uma dívida que deve ser paga com uma atividade honrada e digna. Com um trabalho que permita passar para os nossos filhos o orgulho da nossa existência.

21

O Profissional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia precisa ter a consciência de sua **verdadeira importância**.

Ouvimos frequentemente a "ladainha" de que somos responsáveis por 70, 80 ou 90% do PIB...

Isso não nos dá a exata dimensão da nossa importância, pois resume apenas à questão econômica.

O valor de uma profissão não pode ser medido apenas pela quantidade de dinheiro que ela consegue movimentar.

Somos importantes porque temos o PODER de mudar o mundo e não porque podemos ajudar pessoas a ficarem mais ricas.

A esse poder está associada uma grande **RESPONSABILIDADE**: poder é uma coisa que se presta para o bem ou para o mal. Tudo depende do uso que fazemos dele.

Todos os dias, façamos, para nós mesmos, essas 4 perguntas que nos servirão de bússola de comportamento frente aos nossos compromissos mais relevantes:

Como é que eu, no exercício da minha profissão (de engenheiro, de arquiteto ou de agrônomo) estou interferindo no futuro da minha cidade ?

Como é que eu, no exercício da Engenharia, da Arquitetura e da Agronomia estou interferindo no futuro da minha profissão?

Que tipo de cidade estou ajudando a construir para os meus filhos e para os filhos dos meus filhos ?

Que ambiente profissional estou deixando de herança para os engenheiros, arquitetos ou agrônomos que estarão se formando daqui a 20 anos?

Repetir (e tentar responder) todos os dias essas quatro perguntas (com palavras e com ações) pode ser uma forma de mantermos nossa consciência viva e nossa atuação produtiva. Com isso construiremos Cidades e Profissões Sustentáveis

Espaço para debates com os participantes.

IMPORTANTE:

A reprodução e divulgação do conteúdo deste arquivo é PERMITIDA, desde que:

1. O texto seja publicado NA ÍNTEGRA;
2. Seja informado o nome do autor e seu endereço eletrônico: www.eniopadilha.com.br

CRISE !!!

Vamos "abrir os trabalhos" de 2004 falando da crise. Ou melhor, das crises: a crise econômica ("crise econômica aguda", como preferem dizer alguns colegas) e a crise no mercado de Engenharia, Arquitetura e Agronomia.

Os pessimistas de plantão já estão esfregando as mãos. Oba! A crise econômica aguda! Vamos reclamar da crise e jogar as culpas em alguém!

Lamento decepcionar. Não vai ser esse o tom. Aliás, tenho uma péssima notícia para os pessimistas (se é que isso é possível): não existe crise nenhuma! Isso mesmo: não estamos vivendo uma “crise econômica”. Muito menos ainda uma “crise econômica aguda”. Pois, se você procurar nos arquivos de jornais e revistas, vai ver que estamos vivendo essa tal “crise econômica” há mais de vinte ou trinta anos. Portanto, isso que as pessoas se acostumaram a chamar de “crise” nada mais é do que o conjunto de circunstâncias naturais do mercado. Os engenheiros, arquitetos e agrônomos precisam é aprender a conhecer o mercado e suas regras. Adaptar-se a algumas dessas regras e tomar atitudes que façam com que outras dessas regras sofram alterações.

Quando partimos do princípio de que “estamos em uma crise” fazemos tudo com um certo desespero. Tudo é transitório, tipo soluções de guerra. Isso não é bom, pois, nessa linha de ação não construímos nada.

Não considero que estejamos vivendo uma crise econômica, no geral, pois vejo que alguns profissionais conseguem avançar e progredir sem parar, outros mantêm seus ganhos e sustentam sua estrutura. E outros tantos, realmente, estão enfrentando dificuldades, algumas até muito graves. Mas a verdade é que o sucesso ou o fracasso dos profissionais está muito mais ligado aos seus acertos e erros (empresariais) do que às circunstâncias externas das quais sempre reclamam.

O que existe, portanto, são crises pontuais, numa determinada cidade, num determinado setor ou num determinado segmento. Tomemos como exemplo um profissional (ou uma empresa) que tenha seu faturamento baseado em clientes do mesmo setor, se houver um problema grande nesse setor e uma parada geral dos negócios, o profissional (ou a empresa) estará em uma crise grave, sem dúvida. Mas não deixa de ser uma crise pontual.

Crisis (você pode procurar nos dicionários) são momentos cruciais, pontos de transição, desequilíbrios de forte percepção. Uma coisa não é característica das crises: grande durabilidade. Se dura muito tempo não é crise pois existe alguma forma de estabilidade. Não é “para o resto da vida”. É apenas um deserto para ser atravessado.

O mercado de Engenharia e de Arquitetura não está em crise. Nunca estive. Está apenas em transformação. Aliás, num ritmo de transformação muito mais intenso do que outros mercados.

Por décadas seguidas os profissionais (que eram poucos) abriam seus escritórios e aguardavam calmamente que os clientes batessem às suas portas à procura de seus serviços (sempre tangidos por leis que os obrigavam a isso).

Nesses últimos vinte anos duas coisas alteraram esse quadro: primeiro, o número de profissionais no mercado duplicou, triplicou, multiplicou-se por dez, vinte, trinta... Ser engenheiro ou arquiteto, hoje, não é mais garantia de clientes batendo à sua porta nem de bons negócios, faça chuva ou sol;

Segundo, o desenvolvimento das comunicações e dos transportes, transformou, de forma muito mais intensa do que em outras profissões, o dia-a-dia de engenheiros e arquitetos (que são profissionais móveis por natureza).

Com muito mais profissionais no mercado, melhores transportes e comunicação mais eficiente desenvolveu-se uma concorrência que nem se poderia imaginar há trinta ou quarenta anos. E muita gente não estava preparada para lidar com

essa situação. Houve um estado geral de “estupor” que, para muitos, durou quase vinte anos.

Agora muitos profissionais estão “caindo na real” de que não se trata de uma crise. Portanto, essa situação não é passageira. É, sim, uma nova realidade. Temos um imenso caminho a ser recuperado. Vai depender de muito esforço, preparo, confiança e otimismo.

Deixar de procurar chifre em cabeça de cavalo já é um bom começo.

2004 será o ano em que, finalmente, transformaremos CRISE em OPORTUNIDADE.

ÊNIO PADILHA

www.eniopadilha.com.br

ANEXO 2: (artigo publicado em 2003, no site **www.eniopadilha.com.br**)

Valorização Profissional (3)

Caneteiros, acobertadores e outros bichos

A REALIZAÇÃO é parte fundamental do caminho que leva à Valorização Profissional, pois quem não realiza não se realiza.

Do que estamos falando ? De quem estamos falando ?

Dos caneteiros. Dos acobertadores. Assinadores de planta, capachos de desenhistas... Estamos falando dessa raça nefasta de levianos irresponsáveis que desgraça a profissão, jogando lama sobre tantos anos de dedicação e sacrifícios dele próprio e também dos seus colegas.

Esse bando que não realiza nada, nunca. E que, por isso, nunca se realiza profissionalmente. Que não sente orgulho do que faz. Que não tem dignidade profissional.

Me desculpem pelo destempero, mas esse é um tema que me ferve o sangue.

Os acobertadores constituem um pequeno grupo (e têm seus similares em qualquer outra profissão, não há dúvida). Nunca representam mais do que oito ou dez por cento de uma determinada comunidade profissional. Mas o estrago que conseguem fazer é uma coisa descomunal.

São uma praga. Um câncer. Uma desgraça !

É um problema que precisa ser enfrentado com coragem e determinação. Acredito que o sistema profissional (CONFEA/CREAs/Entidades de Classe/Sindicatos...) precisa declarar uma luta sem tréguas a essa causa.

A prática do acobertamento precisa ser considerada falta gravíssima e o castigo precisa ser extremamente severo, pois trata-se de um desvio que leva às mais nocivas conseqüências para a profissão.

Nenhum estudante de Engenharia, Arquitetura ou Agronomia "sonha" em ser um caneteiro. Nenhum profissional recém-formado quer ser um acobertador... A escolha desse caminho se dá por:

- 1) Fraqueza de Princípios;
- 2) Dificuldades Naturais do Mercado;
- 3) Impunidade Legal;
- 4) Impunidade Moral.

A **Fraqueza de Princípios** pode e deve ser combatida durante o processo de formação, com a **Inclusão Profissional**.

A Inclusão Profissional deve ser promovida pelo sistema (CONFEA/CREAs/Entidades de Classe, Sindicatos...) através de palestras, cursos, seminários, eventos sociais e esportivos cujo objetivo é a transmissão dos preceitos éticos e morais do exercício da profissão.

O Código de Ética profissional precisa ser introduzido nas universidades e sua discussão e prática deve ser permanente. Da festa do calouro ao dia da formatura.

O estudante de Agronomia, de Engenharia, de Arquitetura e das demais profissões do sistema precisa se sentir DENTRO. Precisa sentir-se Engenheiro, Arquiteto e Agrônomo, desde o primeiro dia de aula. Só assim irá desenvolver o necessário sentimento de respeito e ética para com os colegas.

Alguém aí tem coragem de dizer que isso não reduziria consideravelmente o número de caneteiros no mercado ?

As **Dificuldades Naturais do Mercado** são outra explicação (não justificativa) para o desvio que alguns colegas tomam em direção à prática do acobertamento.

Pode ser combatida com informação, treinamento e preparo empresarial.

Se o profissional não sabe como enfrentar as dificuldades naturais do mercado... dá-lhe cursos de gestão empresarial, marketing, administração de custos, relacionamentos interpessoais... essas coisas que, infelizmente, ainda não temos nas escolas de Engenharia, de Arquitetura e de Agronomia.

É preciso aprender uma coisa simples: ganha-se mais trabalhando direito. E ainda tem a vantagem de que isto nos dá realização profissional e dignidade (leia-se "valorização profissional")

A **Impunidade Legal**, bem como a **Impunidade Moral** são responsabilidades do sistema e também nossa. De cada profissional individualmente.

O sistema precisa criar mecanismos para punir com maior RAPIDEZ e RIGOR os casos de acobertamento. Nós, profissionais, precisamos ser menos tolerantes com esse desvio moral.

Não podemos mais fechar os olhos e fazer de conta que não é conosco.

As entidades de classe precisam ter uma comissão permanente de "patrulha" e esclarecimento (o primeiro estágio) para fazer um "policciamento ostensivo" e impedir que um desvio eventual se torne uma prática profissional permanente.

É preciso eliminar a possibilidade de um profissional acobertador sentir-se confortável ou seguro. É preciso dar a ele apenas uma saída. Apenas um caminho. O retorno à prática profissional digna e correta.

Essa luta é de todos. De toda a classe. Não é uma coisa pontual.

Se eu, um engenheiro electricista, estiver cometendo acobertamento, o meu colega agrônomo, que pensa que não tem nada a ver com isso, estará, também, pagando uma parte da conta.

Valorização profissional é um conceito muito complexo. Difícil de ser obtido.

A maior dificuldade está justamente no fato de que é uma conquista coletiva. Depende de todos e de cada um.

ÊNIO PADILHA

www.eniopadilha.com.br

www.eniopadilha.com.br